

O EVENTO DE POSSE DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA: uma comparação entre Lula (2003) e Bolsonaro (2019)¹

THE EVENT OF THE REPUBLIC'S PRESIDENT POSSESSION: a comparison between Lula (2003) and Bolsonaro (2019)

Solange Prediger²
Maria Ivete Trevisan Fossá³

Resumo: Entendemos o evento como estratégia de comunicação utilizada por pessoas e/ou organizações para se aproximarem, se relacionarem e interagirem com seus diferentes públicos, tendo em vista que é um veículo de comunicação dirigida, aproximativo e interativo. Diante disso, surgem os questionamentos: como um dos eventos mais importantes da democracia brasileira, a posse do presidente da República, vêm sendo realizado? Em que medida ele pode ser considerado uma estratégia de comunicação do Presidente eleito junto a seus públicos de interesse? Que atores são acionados e convidados a participar? Em que medida ele pode ser considerado um veículo de comunicação dirigido, aproximativo e interativo? Para tentar responder a essas perguntas, vamos analisar os dois eventos de posse que consideramos mais significativos da história democrática brasileira: a posse do operário Luiz Inácio Lula da Silva, em seu primeiro governo, no ano de 2003, e a posse do ex-militar Jair Messias Bolsonaro, no ano de 2019.

Palavras-Chave: Evento de posse. Lula. Bolsonaro.

Abstract: We understand the event as a communication strategy used by people and/or organizations to approach, interact and interact with their different audiences, since it is a vehicle of directed, interactive and interactive communication. Faced with this, questions arise: how one of the most important events of Brazilian democracy, the republic's president possession, being held? To what extent can it be considered a communication strategy of the President-elect with his stakeholders? Which actors are called and invited to participate? To what extent can it be considered a directed, interactive and interactive communication vehicle? In order to answer these questions, we will analyze the two ownership events that we consider most significant in Brazilian democratic history: the

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho 3 - Comunicação institucional e imagem pública do VIII Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (VIII COMPOLÍTICA), realizado na Universidade de Brasília (UnB), de 15 a 17 de maio de 2019.

² Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: sol_prediger@yahoo.com.br.

³ Pós-doutora e professora associada da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: fossa@terra.com.br

possession of the worker Luiz Inácio Lula da Silva in his first government in 2003 and the possession of the ex-military Jair Messias Bolsonaro, in the year 2019.

Keywords: *Event of the republic's president possession. Lula. Bolsonaro.*

1. Introdução:

Entendemos o evento enquanto estratégia de comunicação por ser um veículo de comunicação dirigida, aproximativo e interativo. É sobre isso que tratamos na primeira parte deste artigo, a partir de autores como Maria Cristina Giacaglia, Cristina Giácomo, Carmen Zitta e Gilda Fleury Meirelles. Na sequência, apresentamos parte do Decreto nº 70.724, de 9 de março de 1972, que aprova as normas do cerimonial público e a ordem geral de precedência. Os artigos apresentados na íntegra neste artigo servem de base para compreendermos o que deve acontecer, via de regra, durante o evento de posse do Presidente da República.

A fim de discutir sobre como um dos eventos mais importantes da democracia brasileira, a posse do presidente da República, vêm sendo realizado, em que medida ele pode ser considerado uma estratégia de comunicação do Presidente eleito junto a seus públicos de interesse, que atores são acionados e convidados a participar e em que medida ele pode ser considerado um veículo de comunicação dirigido, aproximativo e interativo é que analisamos os dois eventos de posse que consideramos mais significativos da história democrática brasileira: a posse do operário Luiz Inácio Lula da Silva, em seu primeiro governo, no ano de 2003, e a posse do ex-militar Jair Messias Bolsonaro, no ano de 2019.

Nosso objetivo será, através de um estudo de caso comparativo, verificar se e de que maneira cada um dos presidentes seguiu as regras de cerimonial impostas pelo decreto nº 70.724, e de que forma isso pode ter influenciado no posicionamento do presidente eleito junto ao seu público de interesse. A partir disso, buscamos fazer algumas considerações, ainda que de maneira superficial, a respeito do evento enquanto veículo de comunicação dirigida, aproximativo e interativo.

2. O evento enquanto estratégia: veículo de comunicação dirigida, aproximativo e interativo

A comunicação eficiente com os públicos é de suma importância para o sucesso de qualquer organização. Antes de adotar qualquer estratégia, é necessária a definição dos diferentes públicos aos quais a organização quer se reportar. Conhecer cada um deles, saber suas necessidades e expectativas para saber o que é importante comunicar e qual a forma mais eficiente para realizar essa relação. A partir daí, é possível definir estratégias de comunicação para se direcionar a cada público.

Fortes e Silva (2011, p. 30) definem três modelos distintos de comunicação que podem ser utilizados para atingir o público de interesse: a comunicação de massa (dirigida aos indivíduos anônimos), a comunicação segmentada (dirigida a pessoas com determinado papel ou ocupação na sociedade) e a comunicação dirigida (destinada a grupos ou pessoas com determinadas especialidades).

Em relação a esta última, a comunicação dirigida, podemos diferenciar seus veículos de comunicação em: escritos (informativos, correspondências, publicações, manuais e regulamentos), orais (conversas, telefone, sistema de alto-falantes e reuniões), veículos auxiliares de comunicação dirigida (recursos visuais, auditivos e audiovisuais) e veículos de comunicação dirigida aproximativa (serviços de prestação de informações, visitas dirigidas, extensão comunitária, **eventos**, et). (FORTES; SILVA, 2011). Nesse sentido, concordamos com os autores e entendemos o evento enquanto **veículo de comunicação dirigido aproximativo** que “permite estabelecer relações pessoais diretas entre a organização ou instituição e um público ou segmento com a finalidade de demonstrar, na prática, como age e se comporta uma organização” (FORTES; SILVA, 2011, p. 33).

Zitta (2012, p. 23) corrobora com essa ideia ao apresentar o evento como “acontecimento onde se reúnem diversas pessoas com os mesmos objetivos e propósitos sobre uma atividade, tema ou assunto”. Ela considera o evento também como uma reunião, onde pessoas discutem interesses comuns. Assim, o evento é entendido como forma de aproximar as organizações de seus diferentes públicos,

seja através do meio físico ou do meio virtual, como demonstra Meirelles (1999, p. 21):

“Evento é um instrumento institucional e promocional, utilizado na comunicação dirigida, com a finalidade de criar conceito e estabelecer a imagem de organizações, produtos, serviços, idéias pessoas, por meio de um acontecimento previamente planejado, a ocorrer em um único espaço de tempo com a aproximação entre os participantes, quer seja física, quer seja por meio de recursos da tecnologia”. (MEIRELLES, 1999, p. 21)

Além do caráter aproximativo, o evento é visto, cada vez mais, como um meio para que as organizações alcancem seus objetivos e resultados estratégicos. “Além da exposição da marca, há outros objetivos que estão se tornando importantes, como relacionamento e gerência de negócios” (GIACAGLIA, 2017, p. 14). Ao citar as habilidades que deve ter um profissional que atua na área de gestão de eventos, a autora define como primeira delas a “visão estratégica”. O profissional que atua de forma estratégica, segundo Giacaglia (2017), deve enxergar o evento como oportunidade de se relacionar com a direção da empresa e com o mercado, entender o porquê do evento e pensar em seu papel estratégico para a organização, fazer do evento uma ferramenta que promova o relacionamento (além da divulgação da marca) e saber que o evento se relaciona com todo o planejamento de comunicação da organização, portanto, não pode ser pensado isoladamente. Entendemos que “um evento deve estar ajustado aos objetivos de comunicação da empresa, sendo entendido como estratégia (...)” (FORTES; SILVA, 2011, p. 26-27)

Nesse sentido, compreendemos o evento também enquanto **estratégia de comunicação** que pode ser utilizada pelas diferentes organizações ou pessoas para se promover (em). “O evento é uma estratégia de comunicação que atinge o público de interesse, divulga a marca de uma empresa, promove seus produtos, potencializa suas vendas e contribui para a expansão comercial e conquista de novos mercados” (FORTES; SILVA, 2011, p. 34). Todo evento deve ter um objetivo. Quando a organização opta por desenvolver um evento como estratégia, deve ter em vista alguns objetivos como: aproximar-se do público de interesse, associar sua marca ao evento, criar uma imagem favorável para a opinião pública, reduzir barreiras geradas

por fatos e acontecimentos e ampliar o conhecimento da marca (FORTES; SILVA, 2011).

Britto e Fontes (2002) já afirmavam na década passada que o evento estava desmistificado e que tinha atingido o patamar de atividade relevante para a comunicação, de maneira a gerar resultados concretos para a organização. “O evento não pode mais ser tratado como instrumento menor no processo de comunicação, seja ele com finalidade mercadológica ou institucional, posto que é a estratégias eficiente em benefício das empresas e organizações” (BRITTO; FONTES, 2002, p. 34).

O evento deve ser visto como “um acontecimento criado com a finalidade específica de alterar a história da relação organização-público, e face das necessidades observadas” (SIMÕES, 1995, p. 170). Desta forma, considera-se esta atividade como sendo uma potencial estratégia para manter e alterar o vínculo da organização com seu público de interesse.

Complementando a ideia de Fortes e Silva (2011), apresentada no início deste texto, Britto e Fontes (2002) já diziam que além de ser um elemento de comunicação dirigido e aproximativo, o **evento é interativo**, pois “dirige uma mensagem eficaz a um público predeterminado, produzindo neste os efeitos desejados” (BRITTO; FONTES, 2002, p. 35). Compreendemos que o evento “é um momento único que sempre ocorre num determinado espaço e tempo, aproxima pessoas, produtos e serviços, e promove eficaz interação entre eles” (BRITTO; FONTES, 2002, p. 35). Os autores ousaram dizer, já em 2002: “Hoje o evento é eleito como um dos melhores meios de comunicação dirigida e interativa” (BRITTO; FONTES, 2002, p. 48).

Um dos grandes desafios da comunicação, dos eventos e, por consequência, dos profissionais que atuam nessa área está em “produzir mensagens que possuam repertório rico e conhecido o bastante para, em consonância com o meio apropriado, alcançar o maior número de receptores e o máximo de modificações (incluindo aquelas de comportamento)” (BRITTO; FONTES, 2002, p. 27).

Compreendemos, portanto, o evento como **estratégia de comunicação** utilizada por pessoas e/ou organizações para se aproximarem, se relacionarem e

interagirem com seus diferentes públicos, tendo em vista que é um **veículo de comunicação dirigida, aproximativo e interativo**. Partindo desta realidade e instigados pela afirmação de Fortes e Silva (2011, p. 36), que dizem que os eventos “mobilizam a opinião pública, geram polêmica, criam fatos, tornam-se acontecimentos e despertam emoções” (FORTES; SILVA, 2011, p. 36), surgem os questionamentos deste artigo, já descritos acima.

Para tentar responder as perguntas, vamos analisar os dois eventos de posse que consideramos mais significativos da história democrática brasileira: a posse do operário Luiz Inácio Lula da Silva, em seu primeiro governo, no ano de 2003, e a posse do ex-militar Jair Messias Bolsonaro, no ano de 2019. O primeiro evento foi considerado pela própria cúpula do Partido dos Trabalhadores (PT), partido do presidente eleito, como uma cerimônia com “jeito de povo”, e trouxe novidades para vender a imagem de Lula como presidente próximo do povo, diferente do Presidente anterior, Fernando Henrique Cardoso. O recebimento da faixa, por exemplo, normalmente realizado no Salão Nobre do Congresso, ocorreu no parlatório. Do lado de fora uma multidão assistiu a cerimônia e acompanhou o discurso de Lula, que até então era realizado dentro do Congresso para um público seletivo.

No último dia 1º de janeiro, o Brasil presenciou a posse do oposto político do PT, Bolsonaro, eleito no mês de outubro e representante do Partido Social Liberal (PSL). Ao analisar esta cerimônia, a forma como o novo presidente se posiciona ao povo brasileiro e detalhes da organização do evento, podemos comparar com o primeiro evento citado e tentar responder as perguntas que nos instigaram a escrever este artigo.

3. Metodologia e análise

Para desenvolver a análise, optamos por realizar um estudo de caso. Gil (1995) recomenda este método nas fases iniciais da pesquisa, pois ele facilita a investigação de temas complexos e permite a construção de hipóteses e a reformulação do problema de pesquisa. Duarte complementa dizendo que o estudo de caso é uma “boa maneira de introduzir o pesquisador iniciante nas técnicas de

pesquisa ao integrar o uso de um conjunto de ferramentas para levantamento e análise de informações” (DUARTE, 2008, p. 215).

Tomamos como base o que define o Decreto nº 70.724, de 9 de março de 1972, que aprova as normas do cerimonial público e a ordem geral de precedência. Em seu capítulo II, observamos as normas para a realização da posse do Presidente da República, transcritas na sequência. Após a descrição dos artigos, verificaremos, com base em notícias e reportagens veiculadas na época de cada um dos eventos de posse analisados neste artigo, se e quais as normas de cerimonial foram cumpridas e descumpridas durante a realização de posse dos dois presidentes. E, de uma maneira geral, poderemos discutir sobre a forma como cada um dos presidentes se utilizou do evento para se posicionar de maneira estratégica ou não frente a seu público de interesse.

Decreto nº 70.724, capítulo II:

Art . 37. O Presidente da República eleito, tendo a sua esquerda o Vice-Presidente e, na frente, o chefe do Gabinete Militar e o Chefe do Gabinete Civil dirigir-se-á em carro do Estado, ao Palácio do Congresso Nacional, a fim de prestar o compromisso constitucional.

Art . 38. Compete ao Congresso Nacional organizar e executar a cerimônia do compromisso constitucional. O Chefe do Cerimonial receberá do Presidente do Congresso esclarecimentos sobre a cerimônia bem como sobre a participação na mesma das Missões Especiais e do Corpo Diplomático.

Art . 39. Prestado o compromisso, o Presidente da República, com os seus acompanhantes, deixará o Palácio do Congresso dirigindo-se para o Palácio do Planalto.

Art . 40. O Presidente da República será recebido, à porta principal do Palácio do Planalto, pelo Presidente cujo, mandato findou. Estarão presentes os integrantes do antigo Ministério, bem como os Chefes do Gabinete Militar, Civil, Serviço Nacional de Informações e Estado-Maior das Forças Armadas.

Estarão, igualmente, presentes os componentes do futuro Ministério, bem como os novos Chefes do Serviço Nacional de informações e do Estado-Maior das Forças Armadas.

Art . 41. Após os cumprimentos, ambos os Presidentes acompanhados pelos Vices-Presidentes acompanhados pelos Vices-Presidentes Chefes do Gabinete Militar e Chefes do Gabinete Civil, se encaminharão para o Gabinete Presidencial e dali para o local onde o Presidente da República receberá de seu antecessor a Faixa Presidencial. Em seguida o Presidente da República conduzirá o ex-presidente até a porta principal do Palácio do Planalto.

Art . 42. Feitas as despedidas, o ex-Presidente será acompanhado até sua residência ou ponto de embarque pelo Chefe do Gabinete Militar e por um Ajudante-Ordens ou Oficial de Gabinete do Presidente da República empossado.

Art . 43. Caberá ao Chefe do Cerimonial planejar e executar as cerimônias da posse presidencial.

Da nomeação dos Ministros de Estado, Membros dos Gabinetes Civil e Militar da Presidência da República e Chefes do Serviço Nacional de Informações e do Estado-Maior das Forças Armadas.

Art . 44. Os decretos de nomeação dos novos Ministros de Estado, do Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República, do Chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, do Chefe do Serviço Nacional de Informações e do Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas serão assinados no Salão de Despachos.

§ 1º O primeiro decreto a ser assinado será o de nomeação do Ministro de Estado da Justiça, a quem caberá referendar os decretos de nomeação dos demais Ministros de Estado, do Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República, do Chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, do Chefe do Serviço Nacional de Informações e do Chefe do Estado Maior das Forças Armadas.

§ 2º Compete ao Chefe do Cerimonial da Presidência da República organizar a cerimônia acima referida.

Dos Cumprimentos

Art . 45. No mesmo dia, o Presidente da República receberá, em audiência solene, as Missões Especiais estrangeiras que houverem sido designadas para sua posse.

Art . 46. Logo após, o Presidente receberá os cumprimentos das altas autoridades da República, que para esse fim se hajam previamente inscrito.

Da Recepção

Art . 47. À noite, o Presidente da República recepcionará, no Palácio do Itamarati, as Missões Especiais estrangeiras e altas autoridades da República.

Da Comunicação da Posse do Presidente da República

Art . 48. O Presidente da República enviará Cartas de Chancelaria aos Chefes de Estado dos países com os quais o Brasil mantém relações diplomáticas, comunicando-lhes sua posse.

§ 1º As referidas Cartas serão preparadas pelo Ministério das Relações Exteriores.

§ 2º O Ministério da Justiça comunicará a posse do Presidente da República aos Governadores dos Estados da União, do Distrito Federal e dos Territórios e o das Relações Exteriores às Missões diplomáticas e Repartições consulares de carreira brasileiras no exterior, bem como às Missões brasileiras junto a Organismos Internacionais.

Do Traje

Art . 49. O traje das cerimônias de posse será estabelecido pelo Chefe do Cerimonial, após consulta ao Presidente da República.

Da Transmissão Temporária do Poder

Art . 50. A transmissão temporária do Poder, por motivo de impedimento do Presidente da República, se realizará no Palácio do Planalto, sem solenidade, perante seus substitutos eventuais, os Ministros de Estado, o Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República, o Chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, o Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas e os demais membros dos Gabinetes Militar e Civil da Presidência da República” (Decreto nº 70.724, de 9 de março de 1972, que aprova as normas do cerimonial público e a ordem geral de precedência.

3.1 Sobre a posse de Luís Inácio Lula da Silva

Em janeiro de 2003, uma manchete anunciou “Lula toma posse em cerimônia com ‘jeito de povo” (FIGUEIRÓ, 01 de janeiro de 2003). Segundo a notícia da BBC, publicada no dia 01 de janeiro de 2003, Luís Inácio Lula da Silva, eleito com mais de 52 milhões de votos, tomou posse “em uma cerimônia com ‘jeito de povo’ – na expressão usada pela cúpula do PT para definir as mudanças no cerimonial”. O jornalista Asdrúbal Figueiró, escreveu na época que o evento teria novidades, todas com o objetivo de “vender a imagem de Lula como um presidente mais próximo do povo”, contrastando com a imagem do até então presidente Fernando Henrique Cardoso (FHC), considerado um intelectual.

O presidente dirigiu-se em carro do Estado ao Palácio do Congresso Nacional, e prestou compromisso constitucional, como prevê o cerimonial.

No plenário do Congresso, Lula e seu vice fizeram o juramento oficial sob aplausos e palavras de ordem do público de convidados e parlamentares presentes. A seguir, o texto lido pelos dois empossados: 'Prometo manter, defender e cumprir a Constituição, observar as leis, promover o bem geral do povo, sustentar a união, a integridade e a independência do Brasil (ÉPOCA, 2003).

Entre as mudanças no cerimonial apresentadas por Figueiró (01 de janeiro de 2003), está o fato de Lula receber a faixa presidencial das mãos de FHC no parlatório e não no Salão Nobre. Isso possibilitou que a cerimônia fosse vista pela multidão que aguardava do lado de fora. O presidente eleito também discursou do parlatório para a multidão, sendo que normalmente o presidente empossado discursa apenas dentro do Congresso. Ainda segundo a reportagem, entre as estratégias adotadas pelo cerimonial para deixar o presidente mais próximo da população, foi o fato do carro aberto conduzindo Lula desfilarem “no meio da multidão, zigue-zagueando pela Esplanada dos Ministérios – o que também não faz parte da tradição”. Segundo a notícia, o começo de governo considerado difícil por causa da situação financeira do país teria exigido uma “estratégia de ‘aproximar’ o presidente do povo” como forma de ganhar tempo. A reportagem da Revista Época também destacou o evento como uma grande festa popular, com a presença de

Cerca de 200 mil pessoas, segundo estimativas da Polícia Militar. (...) A comemoração já havia começado no dia 31 de dezembro com a chegada de

caravanas de todo o país para a maior festa já realizada até hoje para a posse de um presidente da República (ÉPOCA, 2003).

A presença do vice-presidente eleito, destacado pelo decreto nº 70.724, é também registrada por uma das reportagens: “O presidente eleito chegou ao Congresso Nacional às 14h50m, depois de desfilarem no Rolls Royce presidencial ao lado do vice-presidente eleito José de Alencar” (ÉPOCA, 2003).

Enquanto Lula tomava a posse oficial, uma grande festa acontecia na Esplanada dos Ministérios, “com shows de músicos populares” para a multidão que acompanharia as cerimônias de transmissão do cargo. As apresentações foram interrompidas quando o carro presidencial com Lula chega à Esplanada (FIGUEIRÓ, 01 de janeiro de 2003). O presidente foi empossado pelo Congresso e, já na condição de ex-presidente, Fernando Henrique entregou a faixa presidencial para o presidente eleito no Palácio do Planalto, como define o Decreto nº 70.724.

Segundo a reportagem, era a

primeira vez em 42 anos que um presidente eleito pelo voto direto passa o cargo a outro presidente também eleito pelo voto direto, e apenas a segunda vez que Brasília é palco da cena. A última vez que isso ocorreu foi em 1960, logo depois da inauguração da cidade, quando Juscelino Kubitschek deu lugar a Jânio Quadros (FIGUEIRÓ, 01 de janeiro de 2003).

Pela reportagem analisada, o evento seguiu as normas de cerimonial, pois Lula efetivamente recebeu o termo de posse, discursou no Congresso e foi de carro até o Palácio do Planalto. Lá subiu a rampa para ser recebido por Fernando Henrique. O diferencial foi o local de recebimento da faixa presidencial e a realização do discurso, realizado no parlatório e não no Salão Nobre. Isso possibilitou uma aproximação com o público presente.

A reportagem da Revista Época focou no discurso do presidente eleito. O teor do discurso não será analisado neste artigo, mas podemos verificar que reiterou os compromissos de campanha. Falou em recuperar a dignidade do povo, a autoestima e investir o dinheiro para melhorar as condições de vida de mulheres, homens e crianças. Criticou o modelo econômico adotado pelo antecessor, Fernando Henrique Cardoso, mas prometeu mudanças gradativas. Convocou a sociedade para um mutirão contra a fome, prometeu transparência, combate à

corrupção e um governo ético. Também reiterou compromissos com a segurança pública e com a política externa (ÉPOCA, 2003).

Após o discurso, Lula volta à Granja do Torto, “desfilando de carro aberto no meio da multidão”. Segundo a mesma reportagem, “o último evento oficial do dia é uma recepção aos líderes e representantes estrangeiros no Palácio da Alvorada” (FIGUEIRÓ, 01 de janeiro de 2003), o que também é previsto pelo Decreto nº 70.724. Outra reportagem do mesmo veículo de comunicação também fala da “Participação popular” como marca do evento de posse do presidente Lula: “A participação popular foi a marca da posse de Lula como presidente da República na quarta-feira em Brasília” (FIGUEIRÓ, 02 de janeiro de 2003).

Segundo a Polícia Militar do Distrito Federal, o evento teria contado com a presença de cerca de 70 mil pessoas. A reportagem da Folha de São Paulo também considerou o número estimado de cerca de 71 mil pessoas e afirmou que esse número é “resultado de um exaustivo trabalho feito pela Defesa Civil de Brasília, a pedido da Folha, com base nas fotos aéreas que o jornal fez durante as cerimônias” (RODRIGUES, 2003). Mas a organização do evento considerou a presença de 200 mil pessoas, informação corroborada pelo título da reportagem da Época: “Presidente Lula assume o país diante de 200 mil pessoas” (ÉPOCA, 2003).

Alguns detalhes de quebra de protocolo foram descritos por Figueiró:

Quando Lula estava quase chegando ao Congresso, um simpatizante passou pela segurança, subiu no carro e tentou abraçar Lula e, quando foi retirado pelos policiais, agarrou o então presidente eleito pelo pescoço. Uma mulher também conseguiu furar o bloqueio quando Lula estava descendo a rampa do Congresso em direção ao Palácio do Planalto e conseguiu convencer o presidente a se deixar fotografar ao lado dela. A massa humana cercou o carro de Lula várias vezes e invadiu muitas áreas reservadas – como o gramado à frente do Congresso – para chegar mais perto do presidente (FIGUEIRÓ, 02 de janeiro de 2003).

Apesar das quebras de protocolo, essa participação popular foi incentivada pelo Partido dos Trabalhadores. “Pessoas e caravanas saíram de várias partes do país, e muitos passaram a noite de ano novo na Esplanada dos Ministérios” (FIGUEIRÓ, 02 de janeiro de 2003). O evento foi considerado uma grande “festa popular”:

A mais festejada posse de um presidente eleito no Brasil começou com muita música, às 11h20m, com a bateria da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira abrindo os shows no palco principal. (...) Além do principal, outros três palcos foram armados na Esplanada, onde aconteceram os shows regionais. Foram apresentadas músicas indígenas, acompanhadas por violino, houve a exibição de capoeira e show do grupo 'Bate Lata' (ÉPOCA, 2003).

A pompa e a circunstância que caracterizam a posse de um presidente ganharam uma nova liturgia nesta quarta-feira, quando a emoção e a informalidade da festa de Luiz Inácio Lula da Silva se uniram ao protocolo da cerimônia no Congresso Nacional (PIRES, MUNARI, 2003).

Em relação à presença dos chefes de Estado, prevista pelo decreto nº 70.724, uma das reportagens demonstra que a posse de Lula contou com a “presença de 12 chefes de Estado ou de governo – dois a mais do que a posse de Fernando Henrique em 1995 e o maior número desde os 19 que compareceram à posse de Collor em 1990, quando a cerimônia ocorreu no dia 15 de março, e não 1º de janeiro” (FIGUEIRÓ, 02 de janeiro de 2003).

3.2 Sobre a posse de Jair Messias Bolsonaro

No dia 1º de janeiro de 2019, toma posse o presidente Jair Messias Bolsonaro e o vice-presidente Hamilton Mourão, “em cerimônia solene no Congresso Nacional” (REVISTA VEJA-3, 2019). Em geral, as regras de cerimonial descritas no Decreto nº 70.724 foram cumpridas. A reportagem da Revista Veja e do Portal G1 apresentam todas as etapas do evento de posse, entre elas, o cortejo direção ao Congresso Nacional, a cerimônia de posse no Congresso, a execução do hino, a salva de tiros e a revista de tropas na rampa do Congresso, o cortejo do Congresso para o Palácio do Planalto, o recebimento da faixa presidencial e pronunciamento oficial, os cumprimentos de chefes de governo, a nomeação de ministros, e o cortejo para o Itamaraty, finalizando com a recepção (REVISTA VEJA-3, 2019; G1, 2019). Podemos dizer que todas essas etapas, previstas no protocolo (Decreto nº 70.724), foram respeitadas e seguidas.

Mas algumas quebras de protocolo ocorreram. Além disso, algumas singularidades e/diferenças em relação ao evento de posse do Presidente Luís Inácio Lula da Silva podem ser verificadas. A primeira questão é a presença do público, que ficou abaixo do esperado pela organização do evento e registrou

números menores que a primeira posse do Presidente Lula. O objetivo da equipe de Jair Bolsonaro era ultrapassar o número de presenças dos eventos anteriores (PORTAL OPINIÃO E NOTÍCIA, 2019). As reportagens destacam essa questão:

O público, entretanto, ficou abaixo do esperado. Segundo o Gabinete de Segurança Institucional (GSI) da Presidência da República, 115.000 pessoas acompanharam a cerimônia na Esplanada dos Ministérios. A expectativa era que entre 250.000 e 500.000 pessoas comparecessem (REVISTA VEJA-3, 2019).

Em 2003, a Polícia Militar estimou 150.000 pessoas presentes à posse de Luiz Inácio Lula da Silva (REVISTA VEJA-1, 2019)

O público presente também foi menor que o reunido na posse do ex-presidente Lula, em 2003, algo que Bolsonaro buscava superar. Naquele ano, a cerimônia de posse de Lula reuniu pelo menos 150 mil pessoas na Esplanada dos Ministérios, segundo cálculos da Polícia Militar, Polícia Federal e Defesa Civil do Distrito Federal. Foi o maior público presente em uma posse presidencial desde a redemocratização (PORTAL OPINIÃO E NOTÍCIA, 2019).

A segunda questão é o forte sistema de segurança descrito por muitas das reportagens analisadas:

A cerimônia contou com forte esquema de segurança. Mais de 10.000 agentes, incluindo Forças Armadas, polícias e setor inteligência, foram envolvidas na posse. A parte ostensiva da segurança contou com cerca de 4.600 homens do Exército, 200 da Marinha, 200 da Aeronáutica, 4.700 policiais militares, incluindo cavalaria e cães farejadores, e os 46 policiais federais que não sairão de perto de Bolsonaro. Outros 300 policiais civis do Distrito Federal e agentes da Agência Brasileira de Inteligência (Abin) estiveram infiltrados em meio à multidão. No teto do Planalto, ficaram posicionados atiradores de elite (REVISTA VEJA-1, 2019).

O esquema de segurança para a posse desta terça-feira é o maior já organizado para a transmissão do cargo de presidente da República (REVISTA VEJA-3, 2019).

A paranoia por segurança durante a posse é tão grande que, no Congresso, as pessoas são proibidas de circular com copo de água na mão. Como justificativa, os seguranças dizem que a medida é para evitar que ele seja atingido por um banho forçado (REVISTA VEJA-3, 2019).

Acompanhada por cerca de 115 mil pessoas, segundo o governo federal, a posse foi marcada pelo maior aparato de segurança da história (G1, 2019).

Além do forte esquema de segurança, a restrição imposta pela organização do evento também marcou a posse de Bolsonaro:

O clima e as medidas de restrições irritaram parte dos presentes. Itens como frutas foram banidos do evento. O público atendeu ao pedido dos organizadores para não levar bebidas e recorrer ao fornecimento que seria feito no local. Porém, os copos usados para distribuição de água acabaram antes da liberação do público, e não havia vendedores ambulantes. Algumas pessoas passaram mal e precisaram ser atendidas. Policiais fizeram um cordão de isolamento para evitar que o público invadisse uma barraca usada para atendimento médico, o que revoltou alguns dos presentes, que, em meio a gritos de “abre, abre”, afirmaram que o direito de ir e vir foi cerceado (PORTAL OPINIÃO E NOTÍCIA, 2019).

A restrição a entrada de jornalistas também foi destaque em algumas reportagens. Algumas, inclusive, comparam o ocorrido com outros eventos de posse:

Ao contrário do que houve em posses anteriores, quando a imprensa tinha liberdade para circular pelo ministério e entre os poderes, dessa vez os profissionais de imprensa foram confinados em uma sala sem janelas instalada na sala San Tiago Dantas (GAÚCHA ZH, 2019)

Uma das marcas do dia da posse do presidente Jair Bolsonaro foi a limitação para circulação da imprensa. Cerca de 700 jornalistas, segundo a assessoria da equipe de transição, foram cadastrados e tiveram que se concentrar a partir das 7 horas no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), quase oito horas antes do início da posse. (...) A circulação dos profissionais foi limitada a somente um local: quem está no Congresso não teve como assistir à posse no Planalto nem terá como ir ao Itamaraty, onde será servido um coquetel no fim do dia. (...) Jornalistas tiveram que passar por duplas revistas, tanto na saída do CCBB, quando na chegada dos prédios. Apesar da permissão para trazer alimentos, alguns itens como frutas não cortadas foram confiscados. Não foi permitido também carregar garrafas de água ou qualquer outro líquido. No Congresso, os jornalistas ficaram sem água e acesso ao banheiro durante parte da manhã. Muitos ficaram aglomerados no chão à espera da cerimônia, que começou por volta das 14h45 (VALOR ECONÔMICO, 2019)

Restrições à atuação da imprensa durante a cobertura de posse do presidente eleito, Jair Bolsonaro (PSL), foram divulgadas por jornalistas e pela Abraji – Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, nesta terça-feira, 1. (...) Os jornalistas também teriam de embarcar em um ônibus às 8 horas rumo ao Congresso. A posse presidencial estava marcada para começar às 15 horas (sete horas de espera). Foi vetado a distribuição de cafezinhos e as cadeiras foram retiradas, levando aos profissionais trabalharem sentados no chão. Lanches deveriam ser levados em sacos transparentes, e maçãs deveriam ser cortadas – já que inteiras causariam alguma lesão no presidente “se lançadas” (RIBEIRO, 2019)

Outra questão é a presença de delegações estrangeiras, menor número registrado desde a redemocratização, como mostram as reportagens:

Segundo o Ministério das Relações Exteriores, 46 representações foram a Brasília para acompanhar os festejos. Dessas, dez vieram lideradas por seus chefes de Estado ou governo (REVISTA VEJA-3, 2019);

Os festejos da posse de Jair Bolsonaro (PSL) na Presidência da República contabilizaram o menor número de delegações estrangeiras em cerimônias de primeiro mandato em quase três décadas. Neste ano, 46 delegações estrangeiras vieram à capital federal, segundo informou nesta tarde o Itamaraty. Dessas, dez vieram lideradas por seus chefes de Estado ou governo (REVISTA VEJA-2, 2019).

A reportagem de Veja apresenta os números registrados em posses anteriores:

Na posse de Fernando Collor de Mello, em 1990, compareceram 72 delegações estrangeiras. (...) Para a posse de Fernando Henrique Cardoso, em 1995, vieram 120 delegações. (...) Novidade no cenário internacional, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva mereceu o deslocamento de 110 delegações estrangeiras para sua posse. (...) A posse mais prestigiada em termos de presença estrangeira foi a de Dilma Rousseff, em 2011, quando 130 delegações estrangeiras compareceram, das quais 32 lideradas por chefes de Estado ou de governo (REVISTA VEJA-2, 2019).

Esses números não surpreendem se levarmos em conta, por exemplo, que pela primeira vez na história, algumas autoridades foram desconvidadas dias antes do evento de posse:

O Itamaraty atendeu a um pedido da equipe do presidente eleito e desconvidou os representantes de Cuba e da Venezuela para a cerimônia de posse. (...) O Itamaraty afirmou, ainda, que inicialmente o futuro governo de Jair Bolsonaro tinha recomendado que todos os representantes de países com os quais o Brasil mantém relações diplomáticas fossem convidados, mas que depois recebeu uma nova orientação do governo eleito para excluir Venezuela e Cuba da lista (G1, 2018)

Sobre o discurso, não analisado em detalhes neste artigo, podemos destacar que Bolsonaro manteve a retórica que apresentou durante a campanha, como “o direito à legítima defesa e o combate a ideologias de esquerda. (...) Eleito numa campanha marcada pela polarização, Bolsonaro também falou em ‘união” (REVISTA VEJA-3, 2019). Apesar disso, seu discurso foi bastante desagregador, como mostra a reportagem do El País:

Apesar de ter pedido aos congressistas que tenham unidade para enfrentar os importantes desafios que o Brasil tem pela frente, Bolsonaro, depois de receber a faixa presidencial, agitou uma bandeira nacional perante seus simpatizantes, vociferando que esta “nunca será vermelha”. Fazia referência assim ao Partido dos Trabalhadores (PT), a formação progressista que governou o país entre 2003 e 2016 (...) Esse tom marcadamente polarizador e de enfrentamento contrasta com o caráter inclusivo de seus antecessores em cerimônias similares (El País-2, 2019).

Isso reflete a diferença entre o discurso de posse do Presidente Lula e de Bolsonaro. Além disso, Bolsonaro falou sobre a defesa da família, em diminuir o tamanho do estado, fazer reformas e fortalecer a meritocracia, bandeiras que já levantava durante a campanha. Ele se dirigiu basicamente aos seus eleitores e não fez referência às questões como a desigualdade e o racismo. Ao contrário, reiterou sua preocupação em flexibilizar a venda de armas (El País-2, 2019).

Mas a grande quebra de protocolo registrada ao longo do evento de posse de Bolsonaro foi o discurso em libras da primeira-dama, Michelle Bolsonaro, no parlatório do Palácio do Planalto, já que normalmente só ocorre o discurso do presidente eleito. Diversas reportagens registram o fato como sendo inédito:

Fora do script, a fala da primeira-dama foi, talvez, a única surpresa de uma posse que, em geral, seguiu o roteiro (EL PAIS-1, 2019).

Mas quem roubou a cena foi a primeira-dama, Michelle Bolsonaro, que quebrou o protocolo ao discursar no parlatório do Palácio do Planalto – normalmente, só discursa o presidente que está assumindo o cargo. Ela falou antes do marido por meio de libras, linguagem de sinais usada por surdos-mudos. Ao seu lado, uma tradutora vocalizava os sinais da primeira-dama (REVISTA VEJA-3, 2019).

Antes de Bolsonaro fazer o tradicional discurso no parlatório, a nova primeira-dama, Michelle Bolsonaro, fez um discurso inesperado em Libras (G1, 2019).

Em um gesto inédito na história das posses presidenciais recentes do país, a mulher de Jair Bolsonaro discursou no parlatório do Palácio do Planalto antes do marido durante a cerimônia de posse presidencial, nesta terça-feira, 1º (EL PAIS-1, 2019).

A linguagem que se tornou obrigatória nos principais discursos de Bolsonaro na campanha e até nos lives do Facebook entraria para a história das posses brasileiras (EL PAIS-1, 2019)..

Michelle é engajada em causas de pessoas com deficiência. Ele é intérprete de libras, profissão que é reconhecida e regulamentada graças a uma Lei criada

pela deputada Maria do Rosário, oposto político de Bolsonaro. O discurso de Michele e o fato de todo o evento ser traduzido simultaneamente para a linguagem de sinais, com reserva de 30 lugares na plateia para a população surda (registrado pela reportagem de VEJA-3, 2019), nos remete a uma possível preocupação do governo Bolsonaro com estas questões.

A performance desenvolvida diante da multidão abriu a bolsa de apostas sobre o papel de Michelle no futuro Governo. (EL PAIS-1, 2019).

Mais do que isso: é uma espécie de trunfo narrativo para Bolsonaro, inglorio por suas frases misóginas, militante contra a "ideologia de gênero" (e, neste pacote, contra medidas que combatam clichês de gênero) e que já disse que não pagaria o mesmo salário a homens e mulheres por causa dos custos da licença maternidade. Nem mesmo a performance da primeira-dama se encerrou (e ela nem tocou em qualquer assunto sobre igualdade de gênero), e seus apoiadores já afirmavam que a participação era uma "prova" de que Bolsonaro não é machista. (EL PAIS-1, 2019).

Ali, Bolsonaro encontrou espaço para ampliar a pauta conservadora que defende, como por exemplo sua posição contra o aborto e o casamento entre homossexuais (EL PAIS-1, 2019).

Enquanto se desenha o lugar de Michelle no Governo, a imprensa tenta apreender qual será a relação da primeira-dama com as redes sociais, o local preferido pelo marido e família para comunicar com os eleitores. Atualmente, Michelle tem um perfil de Instagram privado e dezenas de perfis *fakes* em outras plataformas digitais (EL PAIS-1, 2019).

Com o marido recém-empossado presidente da república, a mais nova moradora do Palácio do Planalto deve seguir a tradição das primeiras-damas brasileiras e ter um cargo ligado à área social (com exceção de Marisa Letícia, que não quis esse papel) (EL PAIS-1, 2019).

A partir do panorama apresentado, podemos fazer algumas considerações, ainda que iniciais e não conclusivas, sobre a forma como Lula e Bolsonaro se utilizaram do evento de posse como estratégia de comunicação com seus diferentes públicos, o que será descrito na sequência.

Considerações finais

Verificamos que cada um dos presidentes eleitos se utilizou do evento de posse como uma estratégia de comunicação com seus diferentes públicos, seja ao povo em geral, como fez Lula, ou especificamente aos seus eleitores, como fez Bolsonaro. Ainda que tenha se dirigido à parcela que o elegeu, a população toda

(nacional e internacional) voltou seu olhar para a posse realizada em janeiro de 2019. O discurso utilizado por Bolsonaro, assim como por Lula, ou qualquer outro presidente, reflete o foco de seu governo, as preocupações iniciais do presidente eleito e de sua equipe. Então é natural que o povo esteja atento e alerta para realizar elogios e também críticas.

Independente dos atores acionados para o evento (maior ou menor número de público, presença ou não de jornalistas, acompanhamento do evento por delegações estrangeiras, etc), podemos dizer que ambos os presidentes se utilizaram do evento de posse para se dirigir ao povo, se aproximar de alguma maneira e interagir. Cada um de uma maneira diferente, como demonstramos ao longo do artigo, mas ambos utilizaram este momento para construir uma imagem perante seus diferentes públicos. Por isso podemos afirmar que o evento foi sim utilizado como veículo de comunicação dirigido, aproximativo e interativo. Ainda que sejam considerações iniciais, acreditamos que este primeiro olhar sobre o tema pode ajudar em futuras reflexões sobre a importância do evento enquanto estratégia de comunicação.

Referências:

BRITO, Janaina; FONTES, Nena. **Estratégias para eventos: uma ótica do marketing e do turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.

Decreto nº 70.724, de 9 de março de 1972, que aprova as normas do cerimonial público e a ordem geral de precedência. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D70274.htm

DUARTE, Marcia Yukiko Matsuuchi. **Estudo de Caso**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2008.

EL PAIS-1. **Discurso inédito de Michelle Bolsonaro na posse abre portas para protagonismo no Governo**. Notícia publicada no Jornal El País em 02 de janeiro de 2019. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/01/politica/1546361496_407537.html

EL PAIS-2. **Divisão no Brasil**. Notícia publicada no Jornal El País em 01 de janeiro de 2019. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/02/opinion/1546449306_485937.html

FIGUEIRÓ, Asdrúbal. **Lula toma posse em cerimônia com 'jeito de povo'**. Notícia da BBC Brasil. Publicada em 1º de janeiro de 2003). Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2003/030101_posse1.shtml

FIGUEIRÓ, Asdrúbal. **Participação popular é marca da posse de Lula**. Notícia da BBC Brasil. Publicada em 2 de janeiro de 2003). Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2003/030102_lulaep.shtml

FORTES, Waldyr Gutierrez; SILVA, Mariângela Benine Ramos. **Eventos: estratégias de planejamento e execução.** São Paulo: Summus, 2011.

GAÚCHA ZH. Restrição a trabalho de jornalistas na posse de Bolsonaro motiva críticas de profissionais. Notícia publicada no Portal Gaúcha ZH no dia 01 de janeiro de 2019. Disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2019/01/restricao-a-trabalho-de-jornalistas-na-posse-de-bolsonaro-motiva-criticas-de-profissionais-cjge82cbd0oro01pi0v0xd5pa.html>.

GIACAGLIA, Maria Cecília. **Gestão estratégica de evento: teoria, prática, casos, atividades.** São Paulo: Cengage Learning, 2017.

GIÁCOMO, Cristina. **Tudo acaba em festa: evento, líder de opinião, motivação e público.** 2ª ed. São Paulo: Scritta, 1997.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 1995.

KUNSCH, Margarida Maria Kröhling. **Planejamento de Relações Públicas na Comunicação Integrada.** 4ª ed. São Paulo: Summus, 2003.

MEIRELLES, Gilda Fleury. **Tudo sobre eventos.** São Paulo: Editora STS, 1999.

PIRES, Claudia; MUNARI, Carmen. **Informalidade e emoção marcam posse de Lula no Congresso.** Notícia da Uol Notícias. Publicada em 1º de janeiro de 2003. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/inter/reuters/2003/01/01/ult27u30023.jhtm>

Portal G1. **Representantes de Venezuela e Cuba são desconvidados para posse de Bolsonaro.** Notícia publicada no Portal G1 no dia 17 de dezembro de 2018. Disponível em <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/12/17/representantes-de-venezuela-e-cuba-sao-desconvidados-para-posse-de-bolsonaro.ghtml>

Portal G1. **A posse de Jair Bolsonaro em dez etapas.** Notícia publicada no Portal G1 em 01 de janeiro de 2019. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/01/a-posse-de-jair-bolsonaro-em-dez-etapas.ghtml>

PORTAL OPINIÃO E NOTÍCIA. **Posse de Bolsonaro não supera a de Lula em 2003.** Notícia publicada no Portal Opinião e Notícia em 02 de janeiro de 2019. Disponível em <http://opinioenoticia.com.br/brasil/posse-de-bolsonaro-nao-supera-a-de-lula-em-2003/>

REVISTA ÉPOCA. **Presidente Lula assume o país diante de 200 mil pessoas. Posse foi marcada por festa popular.** Notícia publicada em 01 de janeiro de 2003. Disponível em <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG54749-6009,00-PRESIDENTE+LULA+ASSUME+O+PAIS+DIANTE+DE+MIL+PESSOAS+POSSE+FOI+MARCADA+POR+F.html>

REVISTA VEJA-1. **Posse de Bolsonaro tem público abaixo do esperado.** Notícia publicada na Revista Veja em 01 de janeiro de 2019. Disponível em <https://veja.abril.com.br/politica/posse-de-bolsonaro-tem-publico-abaixo-do-esperado/>

REVISTA VEJA-2. **Posse de Bolsonaro tem menor número de delegações estrangeiras em 29 anos.** Notícia publicada em Revista Veja em 01 de janeiro de 2019. Disponível em <https://veja.abril.com.br/politica/posse-de-bolsonaro-tem-menor-numero-de-delegacoes-estrangeiras-em-29-anos/>

REVISTA VEJA-3. **Jair Bolsonaro toma posse como 38º presidente do Brasil.** Notícia publicada em 01 de janeiro de 2019. Disponível em <https://veja.abril.com.br/politica/ao-vivo-jair-bolsonaro-toma-posse-como-presidente-do-brasil/>

RIBEIRO, Janaína. **Sem banheiro ou água, jornalistas relatam restrições em posse de Bolsonaro.** Notícia publicada na revista Exame no dia 01 de janeiro de 2019. Disponível em <https://exame.abril.com.br/brasil/jornalistas-relatam-serie-de-restricoes-em-posse-de-bolsonaro/>

RODRIGUES, Fernando. **71 mil foram à posse de Lula, revela estudo.** Notícia da Folha de São Paulo. Publicada em 22 de janeiro de 2003, Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u45028.shtml>.

VALOR ECONÔMICO. **Organização da posse de Bolsonaro limita circulação de jornalistas.** Notícia publicada no Valor Econômico no dia 01 de janeiro de 2019. Disponível em <https://www.valor.com.br/politica/6043745/organizacao-da-posse-de-bolsonaro-limita-circulacao-de-jornalistas>

ZITTA, Carmem. **Organização de eventos: da ideia à realidade.** 4 ed. Brasília: Editora Senac-DF, 2012.